

Resenha

Referência da obra resenhada:

NASCIMENTO, Clebemilton. *Pagodes baianos entrelaçando sons, corpos e letras*. Salvador: EDUFBA, 2012.

Helen Campos Barbosa¹

O livro “Pagodes Baianos – entrelaçando sons, corpos e letras” de Clebemilton Nascimento - é fruto de sua pesquisa de Mestrado onde o autor realizou um mapeamento dos principais grupos de pagode da Bahia, desde a década de 1990. Estabeleceu, desta forma, uma análise, a partir das letras das músicas, sobre a figura da “periguete” como “uma formação discursiva e ideológica construída a partir do corpo, da roupa, da aparência e das atitudes e comportamentos”.

A proposta se mostra relevante - já inicialmente - pela escassez de material bibliográfico que se dedique exclusivamente ao panorama do pagode baiano que atualmente é diverso musicalmente e apresenta nuances que perpassam questões relacionadas a gênero, raça e relações de poder, que são três dos principais pilares do estudo. O autor, ainda na introdução de sua obra, afirma que o estudo em questão “é fruto de uma pesquisa interessada na interface entre a produtividade simbólica da linguagem e as relações de gênero” (p.19).

O objetivo do estudo fica ainda mais nítido quando Clebemilton afirma, “Na análise das letras, tomo a sexualidade como um fator determinante da mudança social na contemporaneidade e na construção de sentidos que estruturam o poder nas relações entre os gêneros ali postas” (p.20). O *corpus* da pesquisa é composto por 200 composições de nove bandas – Harmonia do Samba, Pagodart, Parangolé, Guig Guetto, Saiddy Bamba, Oz Bambaz, Psirico, Black

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Style e Fantasmão. Portanto, a metodologia do estudo agregou músicas inicialmente sem uma temática específica e, posteriormente, essas letras foram separadas por: temáticas, subtemáticas e ordem cronológica (o que - segundo o autor – possibilitou-lhe identificar a crescente presença dos temas relacionados a gênero, nas letras da maior parte dos grupos).

A trajetória desses grupos foi construída a partir, especialmente, de fontes primárias, tais como: entrevistas com músicos, produtores e compositores das bandas, uma vez que inexistiam fontes escritas. Aliado a isso, o autor recorreu à pesquisa em periódicos datados entre 1997 a 2000, e entre os anos 2004 e 2008. O aporte teórico foi baseado nas teorias feministas contemporâneas, com um viés epistemológico igualmente feminista.

A obra é composta por quatro capítulos, sendo eles, 1.O “biscoito fino”, a massa e a questão de gênero nos pagodes baianos; 2.Percursos e tendências na recente música baiana; 3.Entrelaçando corpos e letras; 4.Representações de gênero nas letras e Considerações finais.

Em seu primeiro capítulo podemos observar o delineamento das primeiras questões norteadoras da pesquisa bem como uma introdução às informações quanto ao surgimento do pagode baiano. Nesse sentido, a partir dos pressupostos das teorias feministas e dos estudos de gênero o autor inicia a problemática pensando em como a mídia acaba por evidenciar uma tripla dimensão da música de pagode. Por um lado surgem vozes que ressaltam a pobreza de suas letras, o que para o autor seria a dimensão do discurso verbal. Por outro lado, há quem destaque no pagode as diversas possibilidades de articulação musical, neste caso, dimensão do discurso musical. Por fim, existe a performance da dança que acompanha as músicas que segundo Clebemilton Nascimento compõe o discurso do corpo. “A maioria dessas leituras é fruto de análises equivocadas orientadas pelo viés estético, e classifica essa música de indecente, pornográfica, apelativa e “culturalmente degradada (p.33).”

O autor explica que no pagode baiano, as relações de gênero podem emergir “tanto nas letras das músicas quanto no “engendramento dos corpos”. Assim música, dança, contextos culturais e caracterização dos (as) adeptos (as) são interconexões que produzem um discurso. Segundo o autor é na conexão entre texto, música e dança que os sujeitos envolvidos podem dar significados ou ainda subverter significados a partir da performance de seus próprios corpos. “Além daquilo que é ouvido e visto através das performances de pagode, deve-se levar

em conta os valores, as afetividades e as redes de socialização que são construídos e se incorporam às expressões musicais” (p.43).

Pelo objetivo principal da pesquisa acima explicitado, Nascimento opta por analisar as letras de música “cuja temática central é a mulher e os modos como é representada, bem como as relações de gênero ali postas, não esquecendo a articulação com as outras categorias que se interpenetram, quer seja classe, raça/etnia e/ou geração e o hibridismo cultural baiano” (p.91).

No *corpus* analisado o autor encontrou uma totalidade de homens como compositores que constroem discursos sobre a mulher que paradoxalmente é quem mais comparece para as performances de massa. Para ele o conflito estaria entre o ritmo e a letra, o ritmo faria a mulher “encenar sua própria desqualificação”. Operando índices valorativos, esse pagode estaria contextualizado como um produto que busca ratificar a imagem da Bahia, já propagada pela mídia e pelo turismo, como um lugar de alegria com pessoas que gostam de carnaval e de música. Assim, grande parte das letras analisadas estaria estruturadas a partir do “duplo sentido” que segundo o autor se situa entre o dito e o não dito. O duplo sentido nesse caso possibilita o falar sobre temas já interditados socialmente, porém naturalizados, sendo então ideológico, marcado por juízos de valor, preconceitos e censuras.

A partir da Análise do Discurso Crítico que está baseada na ideia de poder e dominação, Clebemilton Nascimento afirma que essas letras representando um interlocutor masculino constituem um discurso que funciona como um instrumento de dominação e também de mudança. Por um lado, algumas letras de música do pagode associam o homem e a mulher “a modelos hegemônicos, tradicionais, fixados pela modernidade” e por outro lado, permitem pensar em tipos de feminilidades, por exemplo, onde a sexualidade pode ser exercida, diferente das mulheres com desejos sexuais negados.

Interessado no repertório musical das bandas e nas motivações para a composição das letras das canções, o pesquisador realiza uma série de entrevistas com representantes dos grupos analisados. Para ajudar na reflexão crítica dessas falas, ele cita um estudo desenvolvido por Ívia Alves (2005) que, ao tratar sobre as imagens e representações femininas na modernidade, chama a atenção para modelos hegemônicos forjados que controlam e condicionam os corpos e o comportamento das mulheres. Seriam então duas categorias, “mulher anjo” e “mulher sedução”, as mulheres retratadas nas letras das canções analisadas acabam por legitimar

uma mulher idealizada para casar e a mulher livre que subverte a ordem e por ser “disponível” rotulada de “periguete”.

Pensando no poder por uma perspectiva foucaultiana, o autor propõe que apesar da dominação masculina na sociedade, é possível às mulheres serem ativas. “A mulher inserida no contexto do pagode, que participa ativamente dos shows dançando e protagonizando as coreografias, é invariavelmente reduzida a essa representação de ‘periguete’...” (p.126). O par relacional da periguete seria o “putão”, ambas “construções discursivas que passam pela aparência, pela roupa e indumentária”. Essa nomeação, que perpassa o modo de expor o corpo tanto feminino como masculino, seria ainda construtor de significados adquirindo assim valor simbólico e social, a partir das condições de enunciação. “Para além de simples gírias, elas deixam marcas da subjetividade dos sujeitos e carregam significados culturais e representacionais de gênero, bem como de ideologia” (p.142).

Desse modo, Clebemilton Nascimento entende que a representação da mulher, construída nas letras do pagode, reforça o processo de marginalização exercido pela cultura dominante letrada que marca discursivamente o lugar do pagode como o *locus* de diferenças raciais e sexuais. Assim, tanto os “putões” quanto as “periguetes” - nas letras analisadas pelo autor - estão sob o discurso racializado, uma vez que são geralmente denominados (as) como “negões” e “negonas”, ambos aparecendo nas composições musicais, estudadas como corpos “hipersexualizados”, com representações a partir da força, potência e virilidade.

A representação da “periguete” - segundo o autor apareceu - mesmo que sob outra denominação, na maioria das composições dos grupos de pagode, analisados, e isso para ela pode ser notada a partir da observação dos títulos das músicas que atribuem características valorativas, entre elas: “Destrambelhada”, “Problemática”, “Toda Boa”, “Metralhada”, “Estressada”, “Ela parece que é fruta”, “Cachorra”, “Ela é *dog*”.

Esse sistema valorativo das composições musicais estabelece significados contraditórios e instáveis, pois ora ela é julgada e ora é admirada por homens e mulheres. Assim, é possível que uma mulher seja reconhecida temporariamente como uma “periguete”, quando ela se veste especificamente para uma festa. Por exemplo, ela estaria usufruindo de um “estar periguete” que funcionaria enquanto uma “tecnologia de gênero”, pois os sentidos dessa representa-

ção, dentro de uma determinada cultura, seriam forjados com diversas possibilidades de interpretações.

Na parte final do livro ocorre uma análise de algumas letras do pagode cujos títulos ressaltam algumas características femininas, sendo elas: “Toda Boa”, “Metralhadas” e “Dinheiro na mão calcinha no chão”. A análise tecida demonstra que as composições, mesmo aquelas que buscam enaltecer a beleza da mulher brasileira, apresentam uma tolerância que não se passa na perspectiva do “respeito à diferença”, mas antes se apresenta como se fosse um perdão aos “erros” no corpo da mulher da brasileira - que é idealizado nas letras: o que faz com que o mesmo seja visto de modo fragmentado a ser moldado nos cânones de beleza. Além disso, o autor ressalta que a “periguete” aparece de modo multifacetado. Assim, ela encena também a mulher livre, dona de seu desejo e de sua sexualidade, portanto - perigosa.

Para afirmar suas conclusões como apenas uma possibilidade de leitura, o autor ressalta sua própria condição de homem, proveniente da classe média. Além disso, ele reafirma seu esforço de aproximação entre as categorias de gênero e de classe e conclui refletindo/se questionando quanto à possibilidade de deslocamentos e subversões no contexto do pagode, a partir das representações elaboradas sobre a mulher, onde o modelo paradoxal da “periguete”, ora admirada, ora agredida, não seja uma outra via de opressão.

Recebido em: 15 de novembro de 2013.

Aprovado em: 13 de dezembro de 2013.

